

Carvoeiros defendem divulgação sustentáveis para abates de esp

Por EURICO DANÇA

Reza a História que durante a guerra dos 15 anos, terminada em 1902, o desmatamento na província de Sofala, para o aproveitamento da lenha para fins energéticos, ocorria, sobretudo, nas zonas próximas dos centros de concentração populacional, ao longo do Corredor da Beira. Entretanto, com o fim do conflito armado, o fenómeno tornou-se mais intenso e grave, estando o abate florestal a ter lugar em quase toda a parte, com o objectivo de produzir carvão vegetal, sem que se faça acompanhar de acções de reflorestamento.

Alguns produtores de carvão vegetal em Sofala afirmam que assiste-se na província à inobservância das regras de abate, bem como e da obrigação de reposição das espécies durante a actividade de produção deste recurso energético. Consequentemente, esta acção está a contribuir para o desaparecimento de extensas áreas de florestas.

Como estratégia para inverter a situação, os produtores defendem a necessidade de divulgação de regras de exploração sustentável, para o conhecimento das comunidades e das pessoas directamente envolvidas na actividade de produção do carvão.

"Somos muitos produtores de carvão que apenas nos interessamos com a produção do carvão para vender e ganhar dinheiro, ignorando a obrigação de repor as árvores para nos servir futuramente", referiu Joaquim Caetano, carvoeiro que opera na zona da Milha 23, no distrito de Dondo, precisando que alguns nem sabem como é que uma árvore deve ser abatida, de forma a assegurar a capacidade de regeneração.

Caetano contou que em alguns casos tem deparado com situações em que os produtores, durante o abate, arrancam a árvore com as respectivas raízes. "Isto deixa uma planta sem capacidade para continuar a viver", anotou.

Outra situação apontada pelo nosso entrevistado como não estando

a tornar a actividade sustentável, tem a ver com a falta de conhecimento das espécies florestais definidas como específicas para a produção de carvão vegetal. Ele disse que este facto faz com que os produtores cortem todo o tipo de árvores, incluindo as de madeira de alto valor económico para o país.

"Por falta de conhecimento e devido à corrida na busca de sustento, acabamos encarando a jambire, charnuta, pau-preto e outras espécies da primeira classe como tendo o mesmo valor económico da missassa e mipepe, que são da terceira e sem grande valor económico", sustentou Caetano, acrescentando que esta situação pode ser minimizada com a disseminação das regras de abate e da obrigatoriedade de reflorestamento.

"O Governo e as organizações que trabalham em defesa do meio ambiente devem apostar na divulgação das regras e tecnologias que visam o abate defensivo e sustentável das espécies florestais durante a actividade de produção do carvão vegetal", aconselhou o nosso interlocutor.

Para Rui Chimbulane, vendedor de carvão vegetal na região de Mutindiri, no distrito de Chibabava, as zonas de produção deste recurso energético estão a ficar totalmente devastadas. "A situação é lamentável. No passado, aquelas zonas estavam cobertas de verde das árvores. Hoje estão totalmente nuas, nem sequer as pessoas conseguem sombrear", disse, indicando que até as plantas cujas folhas e raízes eram usadas como medicamentos, também estão a ser cortadas e queimadas para a obtenção de carvão.

"Falta importância que ostentam as plantas que nos curam das doenças, elas não deviam ser abatidas de qualquer maneira", explicou Chimbulane, acrescentando que isso não está a acontecer pelo simples facto de a produção do carvão vegetal se apresentar cada vez mais activa e sem observância de regras.

O nosso entrevistado afirmou, no entanto, que, nos últimos tempos, há muitas pessoas que recorrem à actividade

carvoeira como fonte de renda. Esta realidade, na sua opinião, exige do Governo e das organizações que trabalham em prol da preservação ambiental um redobrar de esforços na sensibilização, para além da necessidade do uso de técnicas e regras que tornam a exploração cada vez mais sustentável, visando garantir a existência de recursos florestais.

FRACASSO NO REFLORESTAMENTO

O presidente da Associação de Produtores e Operadores de Carvão Vegetal de Sofala (APOCAVES), Carlos Daniel Manuel, disse que a participação dos carvoeiros no reflorestamento, defendida pelo regulamento florestal, tem vindo a registar fracassos. Explicou que a situação deve-se ao facto de o Governo ter estado a passar licenças para a produção de carvão a indivíduos que são intermediários, em vez dos produtores locais que vivem a realidade e a dimensão dos níveis de devastação.

"Este procedimento dificulta a participação dos Intermediários na actividade de reflorestamento", analisou o nosso interlocutor, sustentando que, recentemente, a APOCAVES plantou em vão árvores num campo situado na zona de Buwe, no posto administrativo de Savane, distrito de Dondo, visto que passado algum tempo, as queimadas descontroladas destruíram todas as plantas.

"Como os intermediários que efectuaram o repovoamento não são pessoas locais e na altura do incêndio não se encontravam no sítio, todas as plantas ficaram destruídas pelo fogo, sem que ninguém as defendesse", contou Carlos Daniel Manuel.

"Assim que o procedimento mudou, passando o Governo a licenciar directamente os produtores, acredito que o processo de reflorestamento venha a sentir-se uma sítua dinâmica, porque estes vivem nas zonas de produção e assistem à devastação que dia após dia os deixa sem



A devastação de florestas é cada vez mais preocupante em Sofala

recursos florestais", sublinhou.

Contudo, o presidente da APOCAVES, que considera o reflorestamento como sendo a actividade principal que possa garantir a existência de recursos florestais, disse que a agremiação que dirige vai intensificar a sensibilização os produtores no sentido de cumprirem com a obrigação de repor as árvores abatidas.

Explicou que a reposição deve ser acompanhada de abertura de aceiros para prevenir as plantas das queimadas descontroladas, que ocorrem com frequência nas zonas rurais.

Carlos Manuel precisou que a APOCAVES tem vindo a orientar os produtores no sentido de seguirem as regras de abate de árvores. "Temos aplicado que as árvores devem ser abatidas 30 centímetros acima do seu tronco, para permitir que a parte que restar tenha capacidade de regenerar, de forma a continuar a servir", frisou o nosso entrevistado, para quem a sensibilização não está a ser acatada, porque muitos produtores procuram tirar maior proveito de uma árvore.

Contudo, ele assegurou que a sua associação vai continuar a sensibilizar e a monitorar a observância das regras e técnicas sustentáveis de abate de

árvores durante a produção de carvão no campo.

Enquanto isso, para a directora provincial para a Coordenação da Acção Ambiental de Sofala, Ermelinda Maquenze, é necessário que as comunidades e os produtores de carvão saibam que o abate dos recursos florestais deve ser seguido de uma acção de reposição, mas lamentou que isto não esteja a acontecer de forma efectiva na província.

"Verifica-se uma frequência na reposição das árvores, em substituição das abatidas. Acredito que as pessoas não têm conhecimento do que está previsto na lei e no regulamento florestal", referiu a responsável, defendendo a disseminação do conhecimento sobre a matéria, visando garantir o uso sustentável dos recursos florestais.

"O reflorestamento garante que os recursos continuem a ser usados sem risco de esgotarem", precisou Ermelinda Maquenze.

ORGANIZAÇÃO DE PRODUTORES

Entretanto, o chefe da Repartição de Florestas na Direcção Provincial da Agricultura de Sofala, Hermenegildo Barreto, disse que o seu sector tem



Joaquim Caetano, produtor de carvão vegetal do Milha 23, no distrito de Dondo.



Carlos Daniel Manuel, presidente da APOCAVES



Hermenegildo Barreto, chefe da Repartição de Florestas na Direcção provincial da Agricultura de Sofala

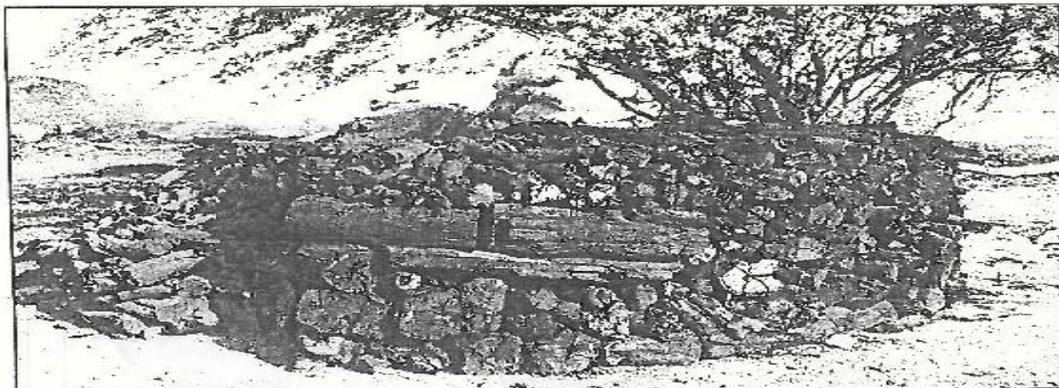


Ermelinda Maquenze, directora provincial para a Coordenação da Acção Ambiental de Sofala



Amide Taybo, director da ADEL em Sofala, que assume a presidência do F2P2SMO

ção de regras écies florestais



A produção de carvão obriga ao abate de vastas áreas de florestas

vindo a apostar na organização dos produtores de carvão em associações que, por sua vez, constituem-se em comités de gestão dos recursos naturais, visando garantir a gestão sustentável de florestas.

“É com estas associações locais que achamos que podemos trabalhar de forma mais séria, tendendo a viabilizar a actividade de repovoamento florestal”, referiu, salientando que isso não acontecia porque as licenças de exploração de carvão eram passadas a intermediários, que não são pessoas residentes nos locais de produção, e “isto dificultava o controlo da actividade de reposição”.

A província de Sofala conta, neste momento, com três viveiros de plantas diversas para reflorestamento, localizados na zona verde da cidade da Beira, no posto administrativo de Tica, distrito de Nhamatanda, e em Carhandula, no Dondo, que são depois distribuídas pelas comunidades

que conhecem as áreas devastadas.

PRESERVAÇÃO DE ESPÉCIES VALIOSAS

Referindo-se a espécies de alto valor económico, Hermenegildo Barreto disse que há necessidade de sensibilizar os produtores de carvão no sentido de se absterem de abater pau-preto, chanfuta, panga-panga, umbila e outras espécies consideradas de primeira classe. “Estas espécies ostentam alto valor comercial para a economia do país. Não é tão rentável apenas queimar-las para a produção de carvão”, sublinhou.

Para Ermelinda Maquenze, os produtores devem saber escolher as espécies com as quais podem produzir carvão vegetal, preservando as de alto valor económico para o país. A título de exemplo, ela disse não ser rentável abater panga-panga apenas para produzir carvão, sendo mais frutífero deixar a árvore para a extração de madeira.

Ainda de acordo com Barreto, por

causa da devastação, o Governo tem a consciência de que algumas espécies medicinais estão a desaparecer por causa da produção de carvão. “Para evitarmos que isso aconteça, temos que apostar na consciencialização das comunidades e produtores de carvão sobre a necessidade de seleccionar as espécies”, realçou.

PROMOÇÃO DE FORNOS SUSTENTÁVEIS

A História revela que a descoberta do carvão vegetal e o seu uso como combustível são atribuídos ao Homem primitivo que, ao utilizar a madeira queimada nas cavernas, apercebeu-se que esta não produzia fumaça e gerava calor de forma mais intensa. Iniciava-se assim a produção de carvão vegetal.

Mas de lá para cá, o sistema de produção de carvão vegetal ainda é a mesma de um século atrás. A pressão pela produção ecologicamente correcta e auto-sustentável tem dirigido a busca por tecnologias mais

limpas e efectivas, destacando-se a evolução dos fornos tradicionais para os mais modernos.

De acordo com o director da Agência de Desenvolvimento Local (ADEL) em Sofala, agremiação que assume a presidência do Fórum de Energias Sustentáveis de Moçambique (FEDESMO), Amide Taybo, este organismo de âmbito nacional vai apostar, durante este ano, no envolvimento das organizações da sociedade civil na pesquisa de meios alternativos que possam garantir a exploração sustentável dos recursos naturais.

Referindo-se à produção de carvão vegetal, Taybo assegurou que o FEDESMO vai promover fornos do tipo Casa Mansa, considerados sustentáveis para esta actividade.

Tais fornos usam lenha de todos os tamanhos para a produção de carvão, o que reduz as áreas de abate de árvores para adquirir grande quantidade de matéria-prima. O mesmo já não acontece com os fornos tradicionais, que só usam lenha de grande diâmetro. Isto faz com que o Homem destrua extensas áreas de

florestas à procura de muita lenha para a produção de carvão.

“Muitos produtores de carvão continuam a usar fornos tradicionais, que contribuem para a baixa produtividade, para além de prejudicarem as florestas. Queremos que os produtores passem a utilizar fornos do tipo Casa Mansa, que são sustentáveis”, explicou Amide Taybo, revelando que decorreu recentemente, no distrito de Nhamatanda, um treinamento sobre o uso deste tipo de forno e de técnicas de corte e selecção das espécies.

“Pensamos que existe necessidade de sensibilizarmos as comunidades para a busca de alternativas que sejam simples para a produção de carvão, visto que os modelos usados actualmente não são eficientes nem produtivos”, sublinhou.

No ano passado, Sofala produziu 243.418 sacos de carvão vegetal, contra 561.920 obtidos em 2010. A província tem uma capacidade de produção que varia entre 500 mil e 600 mil sacos de carvão por ano.

PUBLICIDADE



provedor do
CLIENTE

Você em primeiro, sempre!

Um novo serviço da EDM

A EDM procura excelência nos serviços que lhe presta. Por isso, compreendemos a importância de:

- Ouvir-lo atentamente;
- Compreender as suas necessidades e preocupações;
- Comunicar consigo com clareza e simplicidade;
- Encontrar as soluções adequadas ao seu caso;
- Informá-lo com objectividade;
- Responder-lhe com rapidêz e eficácia.



